

Governo vai desvincular verbas para zerar déficit

Acácio Pinheiro

**NELSON PENTEADO E
MARIZETE MUNDIM**

O Governo encaminha ao Congresso Nacional, até o final do mês, sua nova proposta orçamentária para 1994, com o déficit de US\$ 25 bilhões totalmente zerado. "Vamos encarar esta fera", garante o secretário-executivo do Ministério do Planejamento, Raul Jungmann, que adiantou ao *Jornal de Brasília* o principal instrumento para se alcançar tamanha façanha: "Na questão do orçamento é fundamental a estratégia da desvinculação de recursos. Por incrível que pareça, nós temos muito mais necessidade de obter um certo grau de recursos livres, não carimbados, do que de um extraordinário ganho de receita".

Ele admite que para desvincular as receitas já comprometidas "em alguma medida será necessário mexer na Constituição", mas assegura que muita coisa pode ser feita sem necessidade de emendar a Carta. E finaliza: "Mais não posso dizer". Raul Jungmann cunhou dois neologismos para explicar que o enfrentamento da atual crise exige medidas casadas na área econômica e política: "Não existe mais a *ecopolítica* ou a *polinômica*. É um processo que caminha casado". O secretário-executivo do Planejamento garantiu que a desvinculação de parte dos recursos é fundamental não apenas para zerar o déficit orçamentário, mas também para promover a descentralização da gestão econômica.

Déficit — Questionado se será mesmo possível zerar o déficit do orçamento de 94, ele contemporizou: "Se fosse considerada apenas a condição normal de temperatura e

pressão, a gênese deste Governo e o tempo de que ele dispõe, eu diria que a resposta seria não. Mas a crise que aí está joga a favor deste Governo. Ninguém quer ver o País sem governabilidade e em hiperinflação".

Segundo ele, "com US\$ 25 bilhões de déficit para financiar em 1994 e com a perspectiva de uma eleição presidencial, nós iríamos para a hiperinflação aberta. Não existe nenhum mecanismo que conseguisse financiar este déficit. A outra alternativa seria colocar os juros não na Lua, mas em Saturno, e então onde chegaríamos?", pergunta o secretário.

Para frisar a seriedade com que a equipe busca equilibrar o orçamento e remetê-lo para o Congresso com o déficit zerado, Jungmann chama a atenção para um fato que considera inovador: "O orçamento se transformou em peça fundamental no plano econômico. Os dois estão colados. O ajuste é peça indissociável do plano de estabilização e isto é extremamente inovador".

Até então, lembra o secretário, os planos sequer cogitavam de um ajuste fiscal que os precedesse. Mas o fato novo, segundo ele, é que agora plano e ajuste virão de uma só vez, acoplados.

Na entrevista que concedeu ao *Jornal de Brasília*, Raul Jungmann fala sobre estatais, orçamento, abertura da economia, e mostra que, pela primeira vez em muitos anos, o Planejamento volta a pensar o País a médio e longo prazos. Está sendo constituído um grupo de estudos para formular as diretrizes nacionais, cujo relatório será entregue ao sucessor de Itamar Franco, apontando saídas para os impasses atuais.



Para Jungmann, elevar juros às vésperas das eleições e com déficit de US\$ 25 bi seria temerário